



Do Texto à Linguística Textual:

Entre uma “nova” fase e “velhos” desafios¹

Dennys Dikson²

Resumo:

O presente artigo tem o intuito de (re)discutir determinadas questões que permeiam o objeto investigativo que conhecemos por texto, bem como o escopo que a área – a Linguística Textual (LT) – vem se inserindo a partir de sua conjuntura histórico-investigativa. A reflexão pautada é de ordem teórica, com apontamentos a três questões fundamentais: a primeira, sobre o que se entende e qual definição pode se apreender de texto levando em consideração os recursos multimodais-intersemióticos inerentes à sua própria existência; a segunda, carrega pelo plano da compreensão de que maneira se constitui sua natureza; e, por fim, a partir desse traçado, permitir a inserção da LT em uma “nova” perspectiva de investigações, uma fase mais atual, considerando a gama de demonstrações que seu objeto vem ganhando, há alguns anos, dentro da área. Fechamos com dois propósitos finais: *i.* contribuir e avançar nas reflexões teóricas do campo do conhecimento e, após todo o desenho de discussão, *ii* propor a urgente necessidade de mais avanços nas pesquisas e estudos textuais, teórico-metodologicamente falando, voltados a categorias e fenômenos de base da própria sustentação da LT enquanto ciência.

Palavras-chave: texto; natureza do texto; linguística textual; teoria

From text to textual linguistics: between a “new” phase and “old” challenges

Resumo:

This article aims to (re)discuss certain issues that permeate the investigative object that we know as text, as well as the scope that the area – Textual Linguistics (TL) – has been inserted into based on its historical-investigative situation. The guided reflection is of a theoretical nature, with notes on three fundamental questions: the first, about what is understood and what definition can be learned from the text, taking into account the multimodal-intersemiotic resources inherent to its very existence; the second, deals with the plane of understanding how its nature is constituted; and, finally, based on this outline, allow the insertion of LT in a “new” perspective of investigations, a more current phase, considering the range of demonstrations that its object has been gaining, for some years, within the area. We close with two final purposes: *i.* contribute and advance theoretical reflections in the field of knowledge and, after all the discussion design, *ii* propose the urgent need for further advances in research and textual studies, theoretically-methodologically speaking, focused on basic categories and phenomena that support TL as a science.

Keywords: text; textual linguistics; theory

¹ Este trabalho é parte de uma pesquisa realizada em estágio pós-doutoral (2023/2024) no Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de São Paulo (PPGL-UNIFESP), sob supervisão da Profª Vanda Maria Elias.

² Docente permanente do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), da Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (UFAPE), Garanhuns-PE. Professor Associado do curso de Letras da UFAPE. É líder do grupo de pesquisa *Texto, Escrita e Sala de Aula* (TEcSA/CNPq), onde coordena o *Laboratório do Texto e da Retextualização Escolar* (LATRE). Email: dennys.dikson@ufape.edu.br.



1. Considerações Iniciais

Os estudos textuais, nos últimos 50 anos, passaram e vêm passando por transformações, modificações, avanços e multiplicidade de olhares ocorridos – em seu bojo maior – considerando os vieses que o objeto texto vem ganhando, seus lugares teórico-metodológicos, e os processos das múltiplas faces que os aspectos de suas textualidades podem acomodar. Dentro desse entrelaçamento construído no transcorrer da história, ganha formato, força e destaque a área da Linguística Textual (LT), ramo de designação que carrega sob sua responsabilidade, dentro do vasto campo das Ciências da Linguagem, a competência de lidar com as investigações e estudos, conceituação e natureza, caracterização e categorização analítico-metodológica tendo como centro-motor e objeto os eventos e ocorrências textuais.

Desde o final do século passado até hoje, muito houve de modificação, pesquisas e crescentes em relação a esses estudos, especialmente por conta de o texto e suas textualizações se apropriarem de diversos estatutos composicionais diante da explosão ocorrida e contínua nos mundos virtuais, imagéticos, propagandistas e naqueles vinculados a tecnologias e ao ambiente das redes sociais ligadas à internet. Esse corredor de modernidades paulatinas parece ter sido berço fértil para que os pesquisadores pudessem apresentar diversos rumos nos estudos executados pela LT, em território brasileiro, sempre a depender da intenção, das categorias e dos procedimentos metodológicos que almejaram atingir.

Nossa pretensão é, também, contribuir. E, para isso, seguiremos guia com vistas ao estatuto científico primordial da LT, a partir das seguintes intenções: *i.* refletir sobre o conceito, definição e caracterização daquilo que conhecemos por texto; *ii.* pensar acerca dos recursos intersemióticos-multimodais enquanto inerentes à própria existência social desse objeto; *iii.* discutir de que modo se constitui sua natureza; *iv.* discorrer relativamente ao contexto sócio-histórico da área, enxergando um marco temporal marcado, já há alguns anos, por uma fase 5 da LT; e *v.* problematizar o presente e os encaminhamentos inevitáveis e essenciais para a sustentação do futuro da área, em meio a determinadas carências teóricas [com métodos] que persistem nos dias atuais. Vamos, então, à discussão.



2. Por uma noção de texto: trajetos e perspectivas

Levando em consideração os objetivos elencados, apresentaremos, nesse primeiro momento, algumas reflexões bem particularizadas e específicas no que pertine a um traçado possível que podemos corporificar daquilo que é o objeto central e norteador da LT, especificamente ao que se vem compreendendo em termos de conceitos e definições sobre texto, tal qual suas nuances que percorrem vastas noções, perspectivas e encaminhamentos. Tais sustentações comportam importante relevância a nós, exatamente por se mostrarem enquanto aporte fundante para o que desejamos pontuar mais adiante acerca das intersemiotidades constituintes das ocorrências textuais, bem como do próprio caminhar exercido pela LT há décadas com suas possíveis trajetórias para o hoje e para o amanhã, em especial diante do mundo atual inserto em tantas virtualidades e tecnologias.

Iniciemos então, de forma preliminar, nos atendo àquilo proposto por Elias:

o texto como uma ‘entidade multifacetada’ só é possível quando consideramos que a linguagem é uma forma de *interação* e, como tal, seu uso é regido pela *intenção*, apontando para *relações* que desejamos estabelecer, *efeitos* que pretendemos causar, comportamentos que queremos ver desencadeados, determinadas reações verbais ou não verbais que esperamos provocar no nosso interlocutor etc. (2016, p. 192, grifo nosso).

Sem dúvida, essa é uma das premissas fundamentais que funciona como porta de entrada no que diz respeito a qualquer reflexão que verse acerca das diversas possibilidades – a depender da linha científica – que a noção de texto pode ganhar: justamente seu caráter interacional e multifacetado, dotado de determinadas intencionalidades e interrelações socioculturais com o fim de causar efeitos de sentido dos mais variados, de significar. Ele, o texto, “é originado por uma multiplicidade de operações cognitivas interligadas” (Elias, 2016, 193); como nos ensina Marcuschi (2007), é um documento de procedimentos de decisão, seleção e combinação; além do mais, metaforicamente falando, conforme aponta Beaugrande, “o texto pode ser entendido como ‘a ponta’ de um *ice-berg* – uma pequena porção da matéria e da energia dentro da qual uma enorme quantidade de informação foi ‘condensada’ por um falante ou escritor e está pronta para ser ‘amplificada’ por um ouvinte ou leitor” (1997, p. 16).

Dentro dessa linhagem, mais especificamente na nossa área da LT, há um vasto leque de reflexões, posicionamentos e conceitos de diferentes pesquisadores no que diz respeito a essa “ponta do *ice-berg*”³, sempre a depender do lugar teórico-metodológico e dos objetos textuais específicos que se apropriam. Não é intenção nossa a impossível tarefa de apresentar todas os autores que tratam

³ Repetindo: termo compreendido enquanto metaforização.



da matéria ou mesmo a igual impossível tarefa de esgotar o assunto do estado da arte; entretanto, alguns posicionamentos como os de Marcuschi (2008), Capistrano Júnior e Elias (2019), Cavalcante et al. (2019), Koch (1997), Fávero et al. (2021) e Beaugrande (1997), merecem – de forma generosamente sintética e objetiva – estar presentes à reflexão no que diz respeito ao pensamento de estudiosos tidos como excelência na área, enquanto compilado conceitual, para que se possa costurar uma definição que seja mais próxima daquilo que desejamos problematizar em discussão.

Começamos, então, por Marcuschi, que vai compreender o texto enquanto “uma unidade comunicativa (um evento) de sentido realizada tanto no nível do uso como no nível do sistema [...], o texto não é uma unidade formal da língua como, por exemplo, o fonema, o morfema, a palavra, o sintagma e a frase” (2008, p. 76). Por conseguinte, numa perspectiva bem parecida, Cavalcante et al. vêm mostrar que o grupo de pesquisa Protexto têm compreendido “o conceito de texto como um *enunciado* (no sentido dado a esse termo por Brait, 2016), que acontece como evento singular, compondo uma unidade de comunicação e de sentido em contexto, expressa por uma combinação de sistemas semióticos” (2019, p. 26).

Capistrano Júnior e Elias, por sua vez, vão nos propor que o texto “é uma realização humana, que assume uma dada configuração organizada sobre um determinado suporte (papel, tela, etc.) em interações situadas e ancoradas socioculturalmente, constituindo-se num evento comunicativo singular” (2019, p. 101). Já Koch, afirma que segue a mesma esteira de definição de texto defendida por Beaugrande, qual seja: “evento comunicativo no qual convergem ações, linguísticas, cognitivas e sociais (1997, p. 10)”, e, complementa a autora, que o texto se trata, “necessariamente, de um evento dialógico (Bakhtin), de interação entre sujeitos sociais – contemporâneos ou não, co-presentes ou não, do mesmo grupo social ou não, mas em diálogo constante” (2003, p. 20).

Por último, Fávero et al. colocam o texto enquanto

uma entidade multifacetada, unidade básica de comunicação e interação (KOCH, 2004), que assume uma dada configuração textual, organizada sobre determinado suporte, em interações situadas e ancoradas em processos cognitivos e aspectos semânticos, pragmáticos e socioculturais, constituindo-se, conforme Cavalcante et al. (2019), num ‘evento comunicativo singular’ (2021, p. 146).

É interessante notar que os autores trazidos – aos quais também nos filiamos – vão enxergar uma característica marcante e universal de pensamento: o texto enquanto uma ocorrência singular em evento comunicativo. E, para que se compreenda “como evento (Beaugrande, 1997) demanda a percepção de que o texto acontece cada vez que se enuncia, de maneira única e irrepitível, em um contexto sócio-histórico. Os elementos que imprimem sentido a um texto são, de fato, singulares para cada situação” (Cavalcante et al., 2019, 28). Ou seja, o texto vive enquanto aspecto de evento singular,



único, sem possibilidade de repetição; ocorre a cada movimento do enunciado, específico à situação em que acontece, em que se apresenta, em que se manifesta, em que se realiza; torna-se episódio, fato, ocorrência ímpar, unicidade a cada cenário – irrepetibilidade.

Além desse caráter singular, diversas outras ideias – com vimos – convergem nos pensamentos retratados da área. Pontos como *unidade comunicativa, enunciado, interações situadas socioculturalmente, ações linguísticas e sociais, sentido em contexto, processos cognitivos, semânticos*, etc., circulam as problematizações. O que significa dizer que, definir texto, dentro de um lugar científico específico como a LT, com esse emaranhando de teorização e método situado nas relações socioculturais e nas interações humanas, parece não ser tarefa simples.

Indubitavelmente, nos aproximamos de praticamente todas essas ideias discutidas, até porque são reflexões que estão sendo construídas há décadas nas pesquisas e investigações em LT. É necessário, porém, antes de apresentar nossa posição conceitual, intentar pelo diálogo com outros autores de áreas diferentes do conhecimento para aprofundar um pouco mais a discussão, especialmente a reflexões específicas que perpassam pelo texto enquanto evento que comporta múltiplos modos e recursos semióticos em sua composição, ocorrência e produção de sentidos. Tratem-se sobre o tema, então.

3. Entre o multimodal e o intersemiótico: um complexo chamado texto

O que seria a intersemiotividade textual? Ou, como estamos mais acostumados, o que seria ou de que maneira se caracterizaria o texto multimodal? Essas indagações nos servem a dar continuidade em pontos relevantes que carecem vir à tona, por serem essenciais na construção dialogada para a formatação de uma conjuntura conceitual mais consistente desse objeto tão multifacetado.

De antemão, é interessante apreender que a ideia de multimodalidade é uma concepção amplamente influenciada pela abordagem da semiótica social hallidayana (Halliday, 1978; Hodge e Kress, 1988), a qual vai advogar que todas as maneiras de comunicação vão contribuir para a edificação dos significados de todos os eventos comunicativos. E estes, em uma perspectiva multimodal, segundo Kress et al. (2001), não podem ser entendidos da mesma maneira que a comunicação em uma perspectiva da chamada linguística tradicional, focada amplamente na interação verbal, englobando fala e escrita: na verdade, quaisquer modos possíveis de comunicação e de representação (auditivo, linguístico, gestual, visual, espacial) devem ser levados em consideração na hora da produção ou interpretação dos significados do texto ou do evento (Kress, 2010; Kress e van Leeuwen, 2006; Jewitt, 2009).

Kress e van Leeuwen vão desenvolver o conceito de multimodalidade enquanto “[...] o uso de vários modos semióticos no desenho de um produto semiótico ou evento com a maneira particular em que estes modos são combinados [...]” (2001, p. 20), incorporando a ideia de que os modos



semióticos interagem para reforçar o significado, posto que a multimodalidade vai enxergar a comunicação e a representação como sendo mais do que apenas a linguagem verbal. Na verdade, seriam todas as possibilidades de formas comunicacionais que os indivíduos utilizam para se comunicar e interagir na sociedade (Jewitt, 2009, p. 14), quais sejam, a combinação de modos intersemióticos.

Essa maneira de abordagem, é bom lembrar, não anula ou desqualifica as manifestações do modo verbal, conforme explica Kress (2001), mas sim a necessidade de considerar também todos os outros modos semióticos que favorecem a produção de significados. Na verdade, e isso é facilmente detectável, a fala e a escrita nem sempre aparecem nos eventos textuais, posto que infinitos textos não possuem manifestação verbal; no entanto, em ocorrendo, necessitam ser compreendidas enquanto parte de um conjunto de modos intersemióticos, seja como acessórias e/ou complementares na construção do sentido, na unidade da significação comunicativa.

Os modos, portanto, dizem respeito a redes interligadas ou conjuntos de organização de recursos semióticos, socialmente arquitetados para produzirem sentido dentro de uma determinada cultura, os quais tornam possível a realização da comunicação ou representação em um contexto⁴ específico de tempo e lugar (Kress e van Leeuwen, 2001); apresentam-se enquanto “recursos semióticos socialmente enquadrados e culturalmente dado para produzir significado”: sistemas, por exemplo, como música, gestos, fala, imagem, escrita, layout, imagem em movimento, trilha sonora, objetos 3D, etc. (Kress, 2010, p. 79), são modos utilizados enquanto representação e comunicação dos significados dos eventos mensageiros ou textuais. Quando se realizam dois, três ou vários desses sistemas nos eventos, temos o texto em funcionamento intersemiótico-multimodal.

O fato é que nunca podemos esquecer que cada modo “é absolutamente parcial em relação ao todo do sentido e que a fala e a escrita, não são exceções” (Jewitt; Kress, 2003, p. 3); isto é, além de assumir, conforme aponta Lemke (2002), papéis específicos em contextos culturais específicos, na sociedade e no tempo, devemos entender que os modos são absolutamente parciais, um não pode substituir o outro, posto que cada um deles contribui, à sua maneira, para o significado do conjunto multimodal.

Em um evento textual que em sua composição haja linguístico, cores e figuras, por exemplo, cada um desses modos ou desses conjuntos organizados de recursos semióticos, possui parcialidade

⁴ Assumimos a posição de contexto trazida por Koch e Elias (2016, p. 38): “uma concepção de contexto que põe em saliência o que os sujeitos possuem como modelos mentais ativados na interação, considerando que esses modelos dizem respeito a como essas representações ocorrem no plano das relações entre os sujeitos social, história e culturalmente situados. Assim, o contexto não se restringe ao contexto linguístico entendido como o que antecede ou sucede determinada fração textual; também não se limita ao que se concebe como situação imediata ou mediata pensada em termos de uma micro ou macrosociologia, respectivamente, nem se trata apenas do que os sujeitos armazenam na memória como resultado de suas experiências, abstraindo-se os traços sociais e culturais, mas, sim, de uma conjunção de elementos de ordem linguística, cognitiva e social (Koch, 2002; Koch; Elias, 2006; Elias, 2014)”.



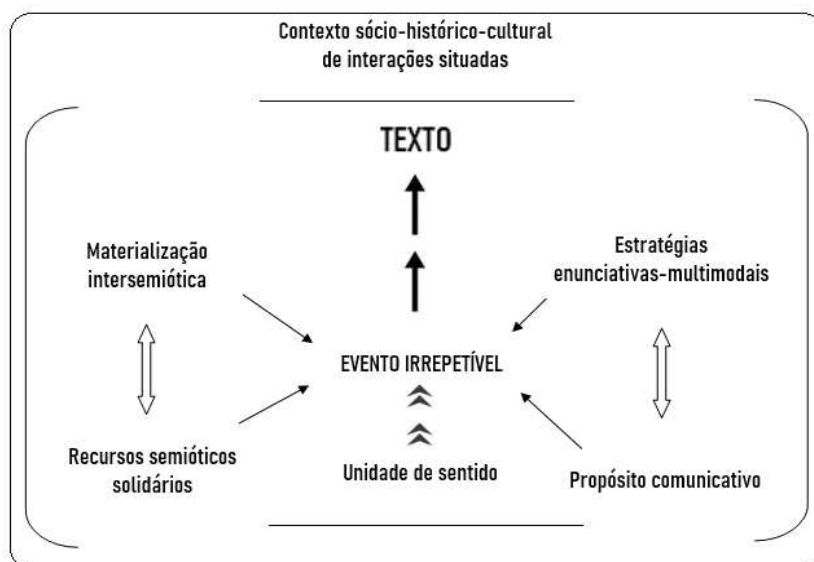
para o significado ou unidade de significação; quer dizer, nenhum dos recursos constrói sozinho os sentidos a não ser em solidariedade ou – nas palavras de Lemke (2002) – em combinação de modalidades, o que permite a produção de significados genuinamente novos a cada combinação. Na verdade, é o conjunto em complexo, o agregado, a mescla em soma da totalidade, movimentando-se em interdependência, em modos e recursos semióticos, ocorrentes em contextos sociais específicos, que faz a unidade significar.

Assim, levando em consideração toda complexidade do assunto, além da cadeia teórica desenhada até aqui e em consonância com boa parte das reflexões dos/as estudiosos/as apresentados/as, vamos, neste momento, entender o texto

enquanto evento irrepetível de materialização intersemiótica, ocorrido nas relações socio-histórico-culturais de contextos interacionais situados, através de estratégias enunciativas-multimodais solidárias e interdependentes na produção de unidade de sentido, com a intenção de se atingir determinado propósito comunicativo de significação/representação

Sintetizamos:

Figura 1: Ilustração do conceito de texto



Fonte: o autor

Formular um conceito de texto carece de uma concatenação imbricada de localizadores teóricos, históricos, culturais e sociais, tendo em vista ser uma ocorrência única de heterogeneidades multimodais nas interações humanas: heterogeneidades essas que devem ser apreendidas, conforme



sugere Fontanille (2008), a partir da resolução sincrética que as submete a uma estratégia enunciativa. Como bem disse a Profª Lúcia Teixeira,

nos textos verbo-visuais e nos demais textos sincréticos o que importa é descrever e explicar as estratégias enunciativas que criam o efeito de unidade textual, observando como as diferentes manifestações do plano da expressão se articulam para produzir uma forma da expressão que corresponda a uma totalidade de conteúdo (2022)⁵.

E são exatamente essas as estratégias que imprimimos na definição como “enunciativas-multimodais”. Na verdade, dentro da conceituação que sugerimos, procuramos “desgrudar” a enunciação – como classicamente é tratada – da exclusividade da língua. Segundo Benveniste, a enunciação, enquanto realização individual, “pode se definir, em relação à língua, como um processo de apropriação. O locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor” (1989, p. 84). Já Barbisan, discutindo exatamente esse conceito de enunciação banvenistiana, afirma que

A enunciação é vista como um processo, um ato pelo qual o locutor mobiliza a língua por sua própria conta. É o ato de apropriação da língua que introduz aquele que fala na sua fala. O produto desse ato é o enunciado, cujas características lingüísticas são determinadas pelas relações que se estabelecem entre o locutor e a língua. Assim, a enunciação é o fato do locutor, que se apropria da língua, e das características lingüísticas dessa relação. A enunciação converte a língua em discurso pelo emprego que o locutor faz dela. Desse modo, a língua se semantiza.” (2006, p. 28, grifo nosso).

A nossa tentativa nesse ponto específico é de desvincular do conceito de texto a ideia implícita e simbólica que se possui dessa enunciação enquanto base estritamente verbal, para algo de amplo espectro como *estratégias enunciativas-multimodais* – na verdade, elas vão compor não só o locutor quando se apropria da língua para enunciar, mas o enunciado enquanto unidade do próprio funcionamento textual em sua plena realização social, dotado de diversos modos e recursos semióticos como estratégias da própria enunciação, do próprio evento, da própria ocorrência; do sujeito não enquanto movimento de apoderamento da língua, mas do texto enquanto puro sincretismo heterogêneo multimodal da enunciação em comportamento único na interação entre os sujeitos, para, no todo do enunciado, significar.

Essa mobilização da língua “por sua conta própria” através dos indivíduos, como mostra Barbisan (2006) – em uma noção banvenistiana –, e o ato de enunciar para ocupar essa posição de

⁵ Fala trazida na apresentação da Profª Lúcia Teixeira Siqueira e Oliviera (UFF/CNPQ), em 28.04.2022, intitulada “Conhecimentos semióticos na aula de português”, realizada através do GELP (Grupo de Estudos em Língua Portuguesa), da UFCG (Universidade Federal de Campina Grande), disponível no link: < https://www.youtube.com/watch?v=u_suJ5gshXA&t=3081s>, acesso em 16.06.2024.



locutor “que se apropria da língua”, tal qual a conversão da própria enunciação realizada por essa “língua apropriada”, não podem ser consideradas, nesse escopo, dentro da concepção daquilo que entendemos atualmente por texto: não há um enunciado de um locutor “que se apropria do aparelho formal [...] e enuncia sua posição de locutor” (Benveniste, 1989, p. 84), mas sim um enunciado advindo de um lugar de intersemiotividade verbal e/ou não-verbal, dotado de estratégias enunciativas [pluri e] multimodais parciais e interdependentes na produção de sentido, seja de um locutor ou de inúmeras vozes em semioses ilocutórias presentes sincrética e solidariamente no evento textual.

O texto, dentro dessa paleta que estamos costurando, e bebendo não apenas da LT, na verdade emerge enquanto uma ocorrência dialógica (na noção bakhtiniana) única, materializada em multimodalidades intersemióticas que refletem aspectos compostos por uma diversidade de estratégias enunciativas, e nunca enquanto um enunciado do aparelho formal da língua. Por isso – e a repetição é proposital –, não é possível entendê-lo ou assumir em sua definição enquanto um enunciado verbal na noção de Benveniste (1989), ou mesmo um enunciado compreendido como “uma unidade real da comunicação verbal” determinada “pela alternância dos sujeitos falantes [...] dos locutores”, como diz Bakhtin (1997), pois a compositura e as textualidades em recursos semióticos do próprio objeto extrapolam o linguístico e o verbal, o aparelho formal e a alternância dos falantes, seja na materialização seja na significação – é a própria manifestação das faces da natureza do texto que nega essa incorporação conceitual.

4. Da natureza do texto

Trazidas essas provocações, poderíamos objetivamente perguntar – mas qual seria, então, a natureza⁶ do texto? Esse é um ponto que embora pareça necessário, pouco se trata ou se discute dentro da LT; tentaremos, de forma sintética, atacá-lo. Começemos por dizer algo que parece óbvio: todas as ciências, sem exceção, tem natureza, *prima facie*, humana, isto é, todos e quaisquer objetos científicos só assim o são devido a conexões, vínculos e encadeamentos que o homem possui com absolutamente tudo que está em sua volta; melhor dizendo, por conta da capacidade cognitiva que o *homo sapiens* adquiriu para enquadrá-los como tal, é que os objetos ganham estatuto de ciência em cada uma das áreas de estudos existentes.

Dentro dessas áreas, o objeto assimila formatação observável, de maneira teórica e metodológica, em linhas diversas de investigação; daí, então, carece que cada uma dessas demarcações de perquirição distinga sua natureza e recorte, delimite, conceitue, defina, fomenta

⁶ Tratar de qualquer natureza de um objeto científico, é, em última análise – inclusive em tom filosófico –, uma tentativa de buscar insistentemente sua gênese, sua essência e o espírito da ocorrência desse objeto no mundo.



categorias, apresente variáveis e monte diálogos com outras linhas e áreas. Ou seja – e isso é absolutamente necessário –, para que a labuta científica possa ser realizada, é preciso, embora imbuída de diversas complexidades, tratar da natureza daquele determinado objeto dentro da área ao qual pertence. Qual seria, então, a natureza do texto para a LT?⁷ Pelo menos tentar responder a essa pergunta é algo bem significativo para nós, considerando crucial às discussões realizadas e às que seguem no que pertine à própria história de investigações e ao lugar de pesquisa atual da LT.

Sendo assim, vamos compreender, de antemão, que a natureza do texto não é, digamos, necessariamente única. Ela é bifurcada em uma dupla ramificação que só é possível ser apreendida no plano teórico-metodológico, tendo em vista que na prática da ocorrência social o evento-texto carrega unicidade dialógica de realização enquanto unidade de sentido. A grosso modo, portanto, vamos afirmar que uma das arestas dessa bifurcação está voltada ao *plano do acontecimento* do próprio evento e a outra ao *plano da significação* e do sentido. Por isso, podemos dizer preliminarmente e de forma metafórica, que a natureza do texto versa e se imbrica duplamente próximo daquilo que se entende enquanto o movimento de expressão e o movimento de significação.

Detalhando melhor. O primeiro lado de sua natureza – enquanto irrepetibilidade – é necessária e iminentemente intersemiótica-multimodal; quer dizer, a materialidade e materialização – o próprio enunciado –, realização e evento, só são possíveis de palpabilidade real ou virtual, tomando formas [inter e] entrelaçadas nos múltiplos modos e nos infindáveis recursos semióticos das relações humanas: não há outra possibilidade de o texto existir, senão esta.

Quanto ao outro lado – aquele que intentamos do plano do significar – vem nos apresentar como sendo de natureza sócio-histórico-cultural situada; ou melhor, as possibilidades hermenêuticas dos sentidos e da significação do texto só vão existir a partir da história, da cultura e da situação contextual em que é posto em funcionamento discursivo, exatamente quando materializa-se. Em uma palavra: só existe texto e só se é texto se – ao materializar-se intersemioticamente, ganhando estatuto de palpabilidade⁸ simbólica⁹ – produzir sentido; se, e apenas se, significar.

⁷ Importante ressaltar que, aqui, estamos falando especificamos da natureza do texto dentro de nossa área e do recorte que neste trabalho fazemos, tendo em vista que, para outras subáreas da própria Linguística, a natureza pode ser outra ou ganhar outros caminhos e vertentes. Por exemplo, a natureza do texto para a Linguística Gerativa ou para a Análise do Discurso ou para a Semântica ou para Genética Textual ou para a Análise da Conversação ou para Sociolinguística, etc., pode ser diversa da que aqui tratamos.

⁸ A palpabilidade textual é da ordem da própria existência do texto no mundo; não importa se real ou virtual, se em um papiro ou em um tablet, em um carro de som ou em um pensamento pessoal, em um livro impresso ou em um letreiro digital, em um gesto ou um emóji, em uma propaganda ou em um monitor: todo e qualquer evento que seja compreendido como texto, será dotado de palpabilidade simbólica (esta enquanto aquilo que não existe por si só, *mas aponta para, que vale como aquilo que representa*), sem exceção – pode até ser imaterial, mas será, de forma simbólica, palpável ou percebido.

⁹ Ao materializar-se, ganha estatuto de gênero textual-discursivo ou gênero de linguagem; transforma-se em ação social, recurso de ideologia marcado pelas relações humanas. Nas palavras de Bezerra: “o que é construído ou ‘materializado’ em dada situação comunicativa é o texto, orientado pelas convenções do gênero (“acordo social”) cabível naquela situação” (2017, p. 37, grifos do autor).



A natureza do texto, portanto, não é única em sua problemática teórica, mas é única e indissolúvel em sua totalidade enquanto ocorrência; não há pois, por exemplo, qualquer possibilidade de significação, de representação ou de sentido sem que aconteça a própria materialização do evento em si mesmo; tal qual pouco importa uma determinada materialização surgir sem ser dotada de significação e de sentido – em ambas as possibilidades, não há texto: ele apenas se realiza dentro do próprio invólucro de sua natureza, digo, sua ocorrência é unicamente possível a partir da ordem indissociável e interdependente entre

*sua materialização intersemiótica-multimodal e
sua produção de sentido histórico-cultural¹⁰*

Vejamos:

Figura 2: Ilustração da natureza do texto



Fonte: o autor

Importante frisar que essa noção nos é muito cara, especialmente às discussões que trouxemos de seu conceito e às que seguirão acerca do próprio caminhar paulatino da LT. A natureza teórica do nosso objeto – como de qualquer objeto de qualquer que seja a ciência – é a gênese de sustentabilidade que a área necessita para se situar, seja no método, na teoria propriamente dita, nas

¹⁰ Essa divisão apenas é possível no campo teórico.



categorias analíticas, na história ou nos avanços. E são sobre essas histórias e avanços da LT que refletiremos a seguir.

5. Por uma “nova” fase da Linguística Textual

As investigações iniciais surgidas no Brasil acerca da LT datam do final dos anos de 1970, movimentação esta que fez nascer no cenário nacional, nos idos de 1980, trabalhos que são referências *sine qua non* para a área. Conforme apontam Capistrano Júnior e Elias, podemos mencionar os estudos como os de “Neis (Por uma gramática textual, 1981); de Marcuschi (Linguística de texto: o que é e como se faz, 1983); de Fávero e Koch (Linguística Textual: introdução, 1983) e de Fávero e Paschoal (Linguística Textual: texto e leitura, 1986)” (2019, p. 102); acrescentamos a essa lista, pós-décadas de 1980-90, outros clássicos como Marcuschi (2008), Koch (2003), Koch e Travaglia (1989; 1990); Koch e Elias (2010), Fávero (1999), além de tantos mais estudiosos que ao longo das últimas décadas sempre procuraram revisitar definições e percursos históricos da LT e fomentar processos teóricos, analíticos e metodológicos da área.

Essas investigações no Brasil demonstram que “as perspectivas de estudo foram se ampliando tão consideravelmente que, na atualidade, podemos afirmar que os pesquisadores estão menos presos aos modelos europeus, como defendem Blühdorn e Andrade (2009)” (Capistrano Júnior; Elias, 2019, p. 103). Não é por acaso que estes autores – Blühdorn e Andrade (2009) – ainda vão afirmar que a linguística textual brasileira (isso já em 2009!) parece estar mais independente desses mesmos modelos europeus que foram construídos em perspectivas e fases diferentes na história, tendo em vista que desde os anos de 1990 esse campo de estudos no cenário brasileiro vem desenvolvendo mais o “seu próprio perfil”.

Não apenas vamos concordar com Capistrano Júnior e Elias (2019) e com Blühdorn e Andrade (2009) no sentido de também compreendermos um desenvolvimento constante desse “perfil próprio” da LT, com grupos de pesquisa altamente consolidados e com programas de pós-graduação que vêm incansavelmente produzindo investigações acadêmicas consistentes em diversas universidades do país, especialmente as públicas, como também vamos defender neste trabalho, que, no cenário atual da LT brasileira – e precisamos de fato assumir que possuímos uma LT brasileira, dentro de um escopo formado por um robusto leque de pesquisadoras e pesquisadores brasileiros –, há interessante tendência de que uma “nova” perspectiva da LT já venha se alinhando na história a partir dessas duas primeiras décadas do século XXI, face constante eclosão de questões teórico-metodológicas, especialmente as ligadas aos textos intersemióticos-multimodais da esfera virtual. Atenhamo-nos à síntese do traçado histórico da LT:



Figura 3: síntese histórica da LT



FASE 1: LT de perspectiva sintático semântica (anos 60)

FASE 2: LT de perspectiva pragmática (final dos anos 70)

FASE 3: LT de perspectiva cognitiva (Anos 80)

FASE 4: LT de perspectiva sociocognitiva interacional (atualidade)

Fonte: Capistrano Júnior e Elias (2019, p. 97)

Tendo como premissa a conjuntura montada na Imagem 3, Capistrano Júnior e Elias mostram que “A LT desenvolve continuamente suas questões teórico-analíticas por meio do diálogo com outras disciplinas não só da Linguística, mas também das Ciências Humanas, com o intuito de compreender e explicar o texto, considerando toda a complexidade que lhe é constitutiva (2019, p. 98)”. Sobre esse mesmo ponto, Koch (2003), discutindo as ideias de Antos e Tietz (1997), ensina que “a Ciência ou Linguística do Texto sente necessidade de intensificar sempre mais o diálogo que já há muito vem travando com as demais Ciências – e não só as Humanas! –, transformando-se numa ‘ciência integrativa’” (2003, p. 157).

A bem da verdade é que cada vez mais a LT apresenta-se como “um domínio multi e transdisciplinar, em que se busca compreender e explicar essa entidade multifacetada que é o texto – fruto de um processo extremamente complexo de interação e construção social de conhecimento e de linguagem” (Koch, 2003, p. 157), o que nos leva a entender que é dentro desse ambiente plural, com diálogo direto com outras áreas e ciências, que a LT vai se configurando enquanto vertente investigativa, perpassando pelas famosas fases ou perspectivas *sintático semântica* (anos 1960), *pragmática* (anos 1970), *cognitiva* (anos 1980) e *sociocognitiva interacional* (pós 1990).

O que se nota facilmente hoje é que uma grandiosa fatia das produções acadêmico-científicas em LT no Brasil se autodenominam insertas nessa visão da chamada fase 4 da LT. Esse viés de abordagem interacional de base sociocognitiva vem assumir um “pressuposto teórico de que o uso da linguagem não se presta ao espelhamento das coisas do mundo, mas a uma construção negociada e situada do mundo, até porque não há uma relação direta entre a linguagem e o mundo.” (Capistrano Júnior e Elias, 2019, p. 99), percepção essa, “em boa medida, guiada e ativada pelo nosso sistema sociocultural internalizado ao longo da vida” (Marcuschi, 2008, p. 228) – essa mescla teórica nos leva



a entender que é preciso considerar, dentro da FASE 4, “que a *cognição, a interação e o social* estão interligados constitutivamente e integram as ações dos sujeitos”. (Capistrano Júnior e Elias, 2019, p. 99, grifo nosso).

Acerca do assunto, Koch discute que a LT percorreu um longo caminho e vem ampliando e modificando a cada passo seu espectro de preocupações:

De uma disciplina de inclinação primeiramente gramatical (análise transfrástica, gramática textuais), depois pragmático-discursiva, ela transformou-se em disciplina com forte tendência sociocognitivista: as questões que ela se coloca, no final do século XX, são as relacionadas com o processamento sociocognitivo de textos escritos e falados (2003, p. 153).

Capistrano Júnior e Elias, levando em consideração a literatura disponível acerca do assunto, assim subdividem os processos constitutivos de investigações textuais da FASE 4, colocando em destaque:

i) a **dimensão social e interacional**, que considera os sujeitos, os grupos sociais, os lugares e papéis sociais, os propósitos da interação, as funções sociais dos textos, pressupondo que as interações são sempre situadas e ancoradas em um contexto histórico e sociocultural; ii) a **dimensão cognitiva**, que considera o que os sujeitos sabem (seus conhecimentos, suas crenças, suas experiências), como dizem o que sabem e como compartilham o conhecimento, pressupondo que a cognição se constitui na interação e incorpora aspectos socioculturais (2019, p. 99, grifo nosso).

Há um foco, como se observa na citação, em duas dimensões, a social/interacional e a cognitiva. A primeira ligada à interação e às inter-relações dos papéis sociais dos sujeitos; e a segunda, com esteio aos conhecimentos, crenças e experiências dos indivíduos. Diferentemente das três fases anteriores descritas pela literatura, esta última tende a ser mais abrangente no sentido técnico ou teórico-metodológico, por ter uma abordagem de estudos textuais que traça o interacional das relações sociais humanas, transpassado pelas experiências e conhecimentos desses indivíduos em seus seios e lugares histórico-culturais.

Observado esse percurso da LT, algo temos que compreender e que será de grande valia no que estamos levantando à discussão, relativamente as quatro perspectivas nas distintas fases da LT. Embora se pareça trivial demais, entendemos necessário deixar bem claro o seguinte: a perspectiva sintático-semântica (anos 60) não deu lugar à pragmática (anos 70), tal qual a pragmática não se extinguiu quando a perspectiva cognitiva (anos 80) tomou relevo, e muito menos essas três fases deixaram de existir quando da predominância da fase 4 (sociocognitiva interacional) – cada uma das fases seguintes da LT absorve e avança [além de dar continuidade] ao que se estudou na(s) fase(s) anterior(es), e assim sucessivamente – é dessa forma que a ciência funciona; sempre.



Qual seria, então, a necessidade dessa explicação tão óbvia? Antes de responder essa indagação, vejamos essa fala da professora Maquesi¹¹: “Novas questões de investigação estão à espera de definições; novos procedimentos analíticos dependem da leitura de cada pesquisador sobre este que é um rico quadro teórico indicativo de muitas categorias de análise, nas diferentes abordagens que a Linguística Textual possibilita”. Já Fávero afirma, quando examina os primeiros momentos da LT suas perspectivas e delimitações, que não pretende alcançar a exaustividade, tendo em vista ser essa uma das dificuldades com as quais o pesquisador sempre se depara, e que – citando Delesalle e Chevalier (1986) – quanto mais o inventário aumenta, mais esfumada a noção dessa exaustividade, ou melhor, mais o caráter ilusório e ideológico se afirma. A autora, sabiamente, continua explicando que ao pesquisador cabe recolher os “fios” que constituem esse saber, identificá-los e esticá-los para atá-los (Fávero, 2019).

Acerca desses “fios” constitutivos de um determinado saber, White (1992), mencionado por Fávero, vai explicar que eles devem ser estendidos

[...] para trás no tempo, a fim de determinar *as origens* do evento e, para a frente no tempo, a fim de determinar seu *impacto e influência* sobre os eventos subsequentes. Essa operação termina no ponto em que os *fios* desaparecem no contexto de algum outro evento ou convergem para provocar a ocorrência de algum novo evento” (Fávero, 2019, p. 12-13).

Tratemos agora da questão colocada anteriormente (qual necessidade de explicação tão óbvia?). Embora, por vezes observemos alguns comentários aleatórios que compreendem as chamadas fases históricas do estado da arte da LT, em suas perspectivas, como locais distintos e dicotômicos de ocorrências e pesquisas e que, a fase subsequente nasce para retirar do cenário a fase imediatamente anterior, precisamos de fato entender que os fios da nossa área são estendidos para trás e para frente do seu próprio tempo, com seus respectivos impactos em cada momento sócio-histórico em que ocorrem, tendo o intuito de provocar, no decorrer cronológico, um novo evento que mexe com toda história daquele determinado estado da arte, “esticando” e “atando” a costura dos fios da ciência a cada espaço-temporal.

Ora, esse caráter ilusório e ideológico da exaustividade, refletido por Fávero (2019), é, sem sombra de dúvidas, uma problemática que o pesquisador sente ao enfrentar os obstáculos e questões do seu campo de pesquisa. E essas problemáticas foram, ao longo da história da LT, se concatenando com novos fios que apontam para trás e vão se costurando para frente: em outros objetos de pesquisa,

¹¹ Palestra proferida pela Profa. Dra. Sueli Cristina Maquesi (PUC-SP) na abertura do II Workshop em Linguística Textual: diálogos interdisciplinares, nos dias 29 e 30 de novembro de 2018, na Universidade Federal do Espírito Santo (fala trazida por Capistrano e Alias, 2020).



com novas metodologias, a partir de diferentes [e genuínas] perspectivas teóricas, tudo modulado por diversas apropriações de textos em suas infinitas realizações sócio-histórico-culturais.

Explicando melhor: a FASE 4 da LT – de abordagem interacional de base sociocognitiva – é um avanço científico-intelectual de toda uma história de pensadores/as e pesquisadores/as de diversos países, inclusive (e muito forte) do Brasil, em épocas e contextos diferentes, constituída em múltiplos imbricamentos, com seus respectivos degraus referentes às noções desenvolvidas nas consideradas FASES 1, 2 e 3; a perspectiva 4 da LT nada mais é do que a soma, concatenação e sistematização do bojo das investigações teórico-metodológicas ocorridas nas anteriores – os fios vão e vêm, atam e soltam, impactam e influenciam, desaparecem e afloram em um próximo contexto que se desenha do estado da área; e esse ciclo, posteriormente, tende a se repetir¹².

Dito isso, parece que podemos, neste momento, assumir em definitivo que possuímos, sem sombra de dúvida, uma LT brasileira. Assumindo isso, necessitamos nos posicionar quanto a seus limites e se, de fato, não estaríamos diante de uma, talvez, FASE 5 da LT, face “os fios” já estarem impactando e influenciando os eventos subsequentes da própria história da área. Vejamos o que Koch já afirmava há mais de 20 anos sobre a LT: “ela se transformou em disciplina com forte tendência sociocognitivista: as questões que ela se coloca, no final do século XX, são as relacionadas com o processamento sociocognitivo de textos escritos e falados” (2003, p. 153).

É muito interessante notar que a professora Ingedore vem assegurar que já no final do século XX a perspectiva chamada de FASE 4 da LT estava então em alta tendência, já bem instituída e em voga. Acerca disso, vale a pena pensar uma constatação histórica bem interessante: entre as 3 primeiras fases da LT, vamos notar que houve um espaço temporal de mudanças, ou melhor de avanços em perspectivas investigativo-científicas que duraram cerca de uma década ou pouco mais de uma FASE para a seguinte – anos 1960, depois 70, 80, e a partir dos 90 até os dias atuais, respectivamente, *sintático semântica*, *pragmática*, *cognitiva* e *sociocognitiva interacional*. Parece-nos interessante e necessário de reflexão pensar: por que desde o final do século XX (como assegura Koch) até os dias atuais – mesmo com a expansão tecnológica, comunicacional e da rede mundial de computadores, além do incontável desenvolvimento intelectual e de pesquisas textuais oriundas desse contexto social em nosso seio acadêmico nesses mais de 20 anos –, pelo menos em tese, aparenta não ter havido avanços históricos a uma nova fase? Sejam nas questões teóricas, metodológicas, de categorias ou de análises na LT?

¹² O que significa dizer que as investigações continuam sendo fios, continuam com a porta para traz aberta e com os portões à frente aguardando novas ocorrências – eis a problemática da exaustividade e do caráter ilusório e ideológico se afirmando, tão bem comentado por Fávero (2019).



Inquestionavelmente a resposta é tivemos sim incontáveis avanços de todas essas ordens, por uma gama importantíssima de pesquisadores(as); o que ocorre, no entanto, relativamente a esse traçado histórico de sistematização dos estudos, é que parece não ter ocorrido produção de literatura discutindo esse assunto específico. Quer dizer, há uma grande probabilidade de nós mesmos, pesquisadores em LT, ainda não termos assumido nossos próprios avanços e, por conseguinte, termos escassez de publicações em defesa dessa ocorrência histórica. É como se o estado da arte estivesse sobrestado no próprio espaço científico-temporal, mesmo avançando constantemente. Poderíamos, inclusive, a tom de retórica questionar: o que houve? Estagnamos desde o final do século XX? Ou parece que ainda não alinhamos o pensamento para entender, afirmar e assumir que os progressos estão aí, postos há anos?

A sábia Koch, com reflexões datadas do final dos anos 1990, já tecia algumas ponderações importantíssimas no que pertence ao futuro da LT:

uma primeira questão que se coloca é como ela irá se posicionar diante de novas perspectivas, e, em especial, com relação a novos meios de representação do conhecimento, como é o caso, por exemplo, do *hipertexto*, suporte *linguístico-semiótico* hoje intensamente utilizado para estabelecer *interações virtuais desterritorializadas*, caracterizado fundamentalmente pela ausência da linearidade, traço inerente aos *textos tradicionais*. Que consequências terá isto para a delimitação de seu domínio? Que novos procedimentos metodológicos ela deverá desenvolver? (2003, p.153, grifo nosso).

Vejamos que esse pensamento já pairava antes deste século acerca da LT, e questões como “quais consequências da delimitação de seu domínio?” ou “quais novos procedimentos metodológicos desenvolver?”, já estavam sendo pensadas, exatamente por conta de “interações virtuais desterritorializadas”, “hipertexto” e “linguístico-semiótico”, como frisa a autora; e isso, repetindo, há quase 30 anos.

Auxiliando-nos sobre o assunto, Koch e Elias explicam que questões como referência, topicalização, *multimodalidade*, *hipertextualização*, dentre outros, no começo do século já eram temas que estavam instigando o interesse dos estudiosos da época no país. Inclusive, as autoras acrescentam que, a partir da década de 1990, pesquisadores como Marcuschi e Koch, já vinham sugerindo que “o hipertexto fosse inserido na agenda de estudos da linguística textual” (Koch e Elias, 2016, p. 44). Não podemos esquecer que Bentes, Ramos e Alves Filho, na primeira década deste século, exploram os desafios da “inserção da multimodalidade no escopo de assuntos pertinentes à Linguística Textual” (2010, p. 398), enquanto necessidade de ampliação do conceito de texto de modo a incluir sua característica de multimodalidade, o que já estava sendo um desafio para a LT no sentido de ser necessário criar arcabouços teórico-metodológicos incorporando os elementos não-verbais como inescapáveis à noção textual.



Dentro desse cenário refletido há praticamente 3 décadas – em especial com textualizações permeadas pelos multimodos e recursos semióticos de diversas facetas, incluindo aí as digitais, imagéticas, midiáticos e virtuais –, podemos trazer a fala de Koch e Elias quando ponderam que tal conjuntura

exige dos linguistas de texto o desenvolvimento de modelos teórico-analíticos para o tratamento de fenômenos linguísticos e textuais que, constituídos no **contexto da cultura digital**, requerem a (re)elaboração de conceitos e a descoberta de procedimentos capazes de dar conta dos muitos aspectos envolvidos nos processos de produção e compreensão de textos” (2016, p. 44, grifo nosso).

Vejamos que essas preocupações com fenômenos textuais imanentes das intersemiotidades, da cultura digital e carregados de multimodalidades já estavam em voga aos estudiosos da LT desde final dos anos de 1990, exatamente pela eclosão das ocorrências de textos carregados de movimentos não só linguísticos, mas de plurissemioses que despontaram com muita força antes mesmo do início dos anos 2000 em ambientes de massa e tecnológicos, demonstrando cada vez mais a desterritorialização e a falta de linearidade que vêm diferir em boa parte dos textos tido como tradicionais¹³.

“Que consequências terá isso para a delimitação de seu domínio?”, questionava Koch (2003, p. 153). Não estaríamos, de fato, com uma delimitação mais abrangente das perspectivas e vivendo uma LT brasileira com tendências a uma FASE 5? Não estariam os textos “tradicionais” enquanto questões já superadas no sentido de não serem mais o centro das investigações? Não já teríamos um leque contundente em pesquisas da LT com eventos textuais que fogem dessa linearidade e que são, em grande fatia, desterritorializados? Se nesses cerca de 30 anos passados após as primeiras preocupações de estudiosos, já existe tanta pesquisa com objetos e investigações em foco da área acerca de textos multimodo-semióticos, não seria possível compreender que a LT brasileira avançou muitos “fios” no encadeamento teórico-metodológico? Bem, nossa resposta parece que caminha no sentido de que já perpassamos para uma perspectiva mais, digamos, arrojada e atual da LT e, para defender essa nossa posição, é importante levantarmos dois pontos que julgamos interessante sustentar.

Antes de mais nada, precisamos levar em consideração todas as discussões traçadas anteriormente no que diz respeito àquilo que fomentamos acerca da noção de texto, sua natureza e as características constituintes enquanto intersemióticas-multimodais, seja a localização precisa dentro da LT, até todo diálogo que nossa área científica necessita fazer com outras para, de fato, haver empreendimento nos estudos. Tendo esses expedientes como apoio, parece que não fica difícil

¹³ Embora Koch (2003) não defina o que entende por textos “tradicionais”, mas o contexto da discussão que apresenta nos faz apreender que são aqueles que conhecemos enquanto verbais, que possuem ocorrência, em sua maioria, nos modos escritos e orais, com linearidade temporal ou espacial que organiza as ideias hierarquicamente.



afirmar que grande parte das perspectivas que vislumbram a conjuntura da nossa LT brasileira atual seguem por ocorrências que são, antes de tudo, simbióticas; melhor dizendo, vamos compreender que a LT vem caminhando por uma perspectiva de abordagem *interacionista*, com processamentos de sentidos de base *sociocognitiva*, devidamente moldados pelos infinitos *recursos semióticos* de ocorrência construídos e constituídos pelas vias (multi, pluri e) interculturais da humanidade – é esse lugar da natureza intersemiótica-multimodal do texto um dos lados da moeda que sustentamos para inserimo-nos numa “nova” FASE da LT

O outro lado sai do caráter exclusivamente teórico e se assenta em uma ordem mais, digamos, prática da realidade, em específico às próprias ocorrências textuais revestidas num bojo considerável de pesquisas e sustentações metodológica em nossa área, e isso vem crescendo vertiginosamente desde o início do século atual. Caso façamos um levantamento de como se encontram os estudos e lugares investigativos da LT brasileira, vamos observar, inegavelmente, que inúmeros pesquisadores e pesquisadoras em praticamente todos os Estados e Universidades Públicas do país produzem, há bem mais de 20 anos, métodos científicos e categorias teóricas que permeiam e que possuem como objetivos análises que recaem com grande força em múltiplos modos e incontáveis recursos semióticos dos textos, principalmente por conta da influência globalizada das malhas da web e suas redes sociais.

Só a título de singelo exemplo, apenas o Grupo de Trabalho Linguística do Texto e Análise da Conversação (GTLTAC), vinculado à ANPOLL¹⁴, possui 87 membros pesquisadores e pesquisadoras de Universidades das 5 Regiões do país, e que estão ativos e ativas, realizando pesquisa científica da área, sendo que, uma grande parte trabalha e/ou orienta estudos que versam como objeto textos multifacetados com composições intersemióticas-multimodais. Apenas esse pequeno recorte¹⁵ demonstra que a tendência está fortemente situada e marcada há um bom tempo, com ascendência, afirmação e sustentação substancial de trabalhos da área, nessa progressão de perspectiva que nos fortalecem em poder afirmar que a LT brasileira possui avanços em relação ao sociocognitivo interacional, nos limites daquilo que entendemos como a FASE 4.

Dessa forma, a própria discussão da fundamentação teórica e a natureza do texto, em união com o alto quantitativo de pesquisadoras e pesquisadores que vêm construindo um robusto leque de investigações desde final do século XIX, sempre a partir de textos com múltiplas intersemioses (verbais e não-verbais), permite-nos dizer que estamos caminhando, já há um bom tempo, dentro de uma 5ª FASE da LT, agora caracterizada por uma perspectiva de abordagem *interacional* de base

¹⁴ Associação Nacional de Pós-Graduação em Pesquisa em Letras e Linguística.

¹⁵ Caso se faça um levantamento nos bancos de dissertações e teses nos programas de pós-graduação em Letras espalhados pelo Brasil, em linhas de pesquisa voltadas à LT, facilmente vamos ter um vultuoso número de trabalho dentro dessa perspectiva apontada; não só vultuoso, mas de qualidade significativa.



sociocognitiva-multimodal. Portanto, dentro dos enfoques histórico-investigativos da LT, tão bem delimitados na “Imagem 1” por Capistrano Júnior e Elias (2019), vamos compreender que o marco temporal da FASE 4 seria “anos 90 até início do século XXI”, e acrescentaríamos a essa rede a “FASE 5: LT de perspectiva sociocognitiva-multimodal interacionista” (início dos anos 2000 até os dias atuais). Dessa maneira:

FASE 1: LT de perspectiva sintático semântica (anos 60)
FASE 2: LT de perspectiva pragmática (final dos anos 70)
FASE 3: LT de perspectiva cognitiva (anos 80)
FASE 4: LT de perspectiva sociocognitiva interacional (atualidade)

(Capistrano Júnior; Elias, 2019)

Acrescentaríamos, então, o marco temporal da FASE 4, mais a FASE 5:

FASE 4: LT de perspectiva sociocognitiva interacional (anos 90 a início dos anos 2000)
FASE 5: LT de perspectiva sociocognitiva-multimodal interacionista (início anos 2000 – atual)

Essa nossa posição, claro que a partir de toda esteira teórica/histórica que traçamos até aqui, permite-nos abranger significativos avanços dentro da LT desde a FASE 1, conforme os autores nos mostraram. E é que, ao interacional, ao social e ao cognitivo, lugares de sustentação teórico-metodológica que foram se moldando, se costurando e avançando no decorrer do tempo desde década de 1960, podemos incluir mais um degrau pautado no multimodo-semiótico enquanto fator constituinte da natureza de todo e qualquer evento textual. Além do mais, as investigações científico-acadêmicas da LT brasileira nos demonstram, há bem mais de duas décadas, que vêm sendo desenvolvidas majoritariamente tendo como objetos textos constituintes de múltiplas modalidades e recursos semióticos – com e sem o verbal –, em especial os circulantes pela internet, mídias digitais, redes sociais e comerciais interativos.

Defendemos, dessa forma que possuímos três dimensões dentro da perspectiva que sustenta os estudos da atual LT brasileira: a *interacionista*, que se coaduna nos papéis sociais dos indivíduos e suas inter-relações histórico-culturais; a *sociocognitiva*, que leva em consideração crenças, conhecimentos e experiências individuais e coletivas dos sujeitos (Capistrano Júnior; Elias, 2019); e a *multimodal-intersemiótica*, que vai se colocar enquanto única possibilidade constituinte e de ocorrência de qualquer evento textual [em contexto] – essa constatação e complementação histórico-teórica parece que nos cria mais questões e mais complexidades em relação ao nosso objeto: são os fios para frente e para trás, atando-se e se soltando para criar novos nós.



Por derradeiro, e levando por base o conjunto de noções e reflexões que desenhamos – inclusive com outras áreas – acerca do que seja texto, de sua natureza e das perspectivas atuais que a linha vem caminhando e se insere, vamos entender, nos dias atuais, que

a Linguística Textual é uma área específica da Linguística ou das Ciências da Linguagem que possui os eventos textuais intersemióticos como objetos de estudo por excelência, tendo como função primordial promover investigações científico-acadêmicas do texto, de cunho rigoroso e sistemático, organizando o conhecimento para refletir e avançar em teorias, metodologias, conceituações, categorias, análises e aplicabilidades metodológicas, práticas e teóricas nos meios acadêmico, educacional e social, em suas infinitas possibilidades interacionais e sociocognitivas-multimodais de ocorrências

E é por isso que esperamos sempre mais, avançar.

6. Para finalizar: Quo Vadis?

Iniciamos essas considerações finais fazendo alusão à célebre frase *Linguística Textual: quo vadis?*, que intitula artigo de Koch (2001) datado do início do século; indagação que teimamos em repetir nos dias atuais, *Linguística Textual, para onde vais?* Diante de toda discussão teórica em torno do nosso objeto, revestida de uma natureza que se reverbera entre a ocorrência e a significação, além desse movimento proposto em planificar a LT numa fase em que se mostra alavancar o sociocognitivo-interacional, exatamente por conta da sua constituição intersemiótica-multimodal, o que poderia estar por vir ou o que desejaríamos que viesse a acontecer?

Bem, perguntas praticamente impossíveis de serem respondidas, mas passíveis de olhares e propostas. Como mostrado, possuímos um patamar bem consistente e robusto de pesquisas na LT brasileira que já vem há anos apresentando métodos e análises (e, por vezes, *insights* teóricos) focados em textos que carregam em sua compositura um interessante leque não-verbal de recursos semióticos, harmonizando-se bem mais nas multimodalidades – algo muito interessante para a área, tendo em vista o alargamento que a própria ideia de texto acaba ganhando a partir exatamente de como a acadêmica o vem apresentando em pesquisas científicas.

Entretanto, possuímos uma disposição problemática que não podemos fugir, muito menos negar: há um certo quantitativo – e bem volumoso – de trabalhos em LT que procura aplicar teorias tradicionais da área¹⁶ em análises investigativas de textos que carregam (a) o verbal em união de

¹⁶ Fazendo uma ponte ao termo “tradicionais” expresso por Koch (2003), vamos aqui entender como *teorias tradicionais* da área aquelas que foram forjadas entre as décadas de 1960 e meados de 1990 por pesquisadores da LT, e que tiveram ponto de fundação, lugar metodológico e objeto primordial de pesquisas a linguagem verbal.



outros modos ou (b) aqueles constituídos por recursos semióticos sem a fala e a escrita, como, por exemplo, os exclusivamente imagéticos, gestuais, espaciais ou visuais. Esta última constatação (b), em tom de *mea culpa*, é uma fratura nodal que carece de um pouco de reflexão: nem toda teoria da área, especialmente aquelas que foram criadas a partir e como lugar de sustentação teórica-metodológica os textos verbais, pode ser submetida como ótica analítica em eventos textuais que não os possuam¹⁷.

Essa constatação na academia carrega duas preocupantes implicações que são categóricas e essenciais a quem se insere na LT. A *primeira* é que, em diversos momentos, seja no papel de pesquisadores ou de orientadores, quando aplicamos ou utilizamos teoria pensada exclusivamente à linguagem verbal em textos desprovidos do oral e do escrito, podemos cair num campo minado e perigoso de despersonalizar ou despersonificar a própria teoria, tornando-a inócua; ou mesmo de realizar análises que podem pairar meramente no campo do imaginário individual, o que pode trazer consequências no sentido da não possibilidade de comprovação dentro de determinado rigor metodológico. É óbvio que existem inúmeras exceções – e isso vemos em uma interessante fatia de pesquisas acadêmicas no país –, pois há diversas outras multimodalidades ocorrentes em eventos textuais que são comprovadamente plausíveis de análises a partir de certos marcos teóricos forjados, inicialmente, ao verbal: isso vai depender da disposição da teoria, do recorte dos dados e do traçado do método que se pode montar.

A *segunda* implicação, que parece ser um pouco mais desassossegante que a primeira, circunda no fato de que quanto mais se insiste – temporalmente falando – em demandar pesquisas dentro dessa aplicabilidade que por vezes se mostra movediça, menos nos dispomos a atar os nós que ocorrem quando, nas palavras de Fávero (2019), o inventário aumenta; menos transforma-se em um trabalho de grande fôlego, com retoques, com uma série de correções e emendas, como propõe Bourdieu (2007); mais fugimos de uma labuta que é da própria área, o escopo da LT, conforme ensinam Cavalcante et al. (2016); e menos nos debruçamos na caracterização que provém dos problemas que constituem o campo de estudo, no dizer de Fávero e Koch (1994).

Em outras palavras, quantos mais o tempo passa e cresce essa forma pesquisacional-acadêmica de agir, menos produzimos teorias [com método] para as demandas atuais, o que nos dá uma falsa impressão (e muito falsa!) de que possuímos um campo teórico extremamente robusto que consegue dar conta de praticamente todos os formatos textuais que queiramos analisar, desde, por exemplo, uma toada de vaquejada, um seminário escolar ou uma certidão de nascimento, a uma charge sem o verbal, um gesto preconceituoso, ou um teatro de sombras – aos três últimos eventos, por exemplo, encaixar à luz de uma fundamentação tradicional não parece ser algo interessante, pelo menos a

¹⁷ Koch (2003) no início do século já constatava, por exemplo, que para tratar do hipertexto, as questões de continuidade temática e progressão referencial não poderiam mais ser as mesmas encontradas nos estudos pragmáticos e discursivos sobre textos falados e escritos.



princípio: a verdade é que algumas teorias não dão mais conta de um leque considerável de análises, já há bons anos, em diversas ocorrências textuais.

Indubitavelmente, encontramos-nos num momento em que seria muito propício que a área substanciasse reflexões mais apuradas – pois isso anuncia o futuro – acerca dessas duas questões apontadas, que tendem a flutuar entre o teórico-analítico a partir de fundamentação exclusivamente verbal e a carente produção teórica [-metodológica]; esta, por sua vez, tão urgente para as emergências textuais da atualidade possuintes de altas demandas no que concerne a textualidades multimodais, semióticas-virtuais, e, em parte, destituídas do escrito e do oral¹⁸.

Tudo isso significa dizer que a área carece abraçar tais problemáticas a uma empreitada de maior produção no que concerne a caminhos teóricos que abarquem questões específicas da LT no trato dos textos em seus diversos lugares de semiologia. Apenas a título de ilustração exemplificativa, façamos um questionamento de cunho meramente retórico no que diz respeito a nossa realidade: o que temos hoje de aparato teórico-metodológico específico, forjado dentro da LT brasileira, que trate de teoria, em aspectos e categorias, como *fatores de conexão conceitual-cognitiva (coerência)*, *fatores de conexão sequencial (coesão)*, *fatores de coerência*, *intencionalidade*, *intertextualidade*, *referenciação*, *retextualização*, *progressão referencial*, *tópicos [discursivos]*, *articuladores metadiscursivos*, *encapsulamento e rotulação*, *focalização*, *encadeamento enunciativo*, *progressão textual*, *concordância associativa textual*, *tematização e rematização*, *digressão*, *inferências*, *modalizadores*, etc., e que possam ter aplicabilidade acadêmico-científica em textos que são ou apenas visuais ou apenas imagéticos ou apenas gestuais ou que mescle esses modos com outros recursos semióticos, mas que aconteçam desprovidos de elementos verbais? O que temos? Quo vadis?

Asseguradamente com isso aprendemos que estamos necessitados, dentro da nossa própria linha, de traçados em fundamentação que construam mais subsídios à aplicabilidade em investigações cada vez mais apuradas aos textos em suas multifacetadas, em seus diversos modos de ocorrência e que não sejam apenas “tradicionais”. Não custa lembrar quando Elias (2016) diz que carecemos desenvolver modelos de descrição e análises para dar conta da integração das diferentes linguagens.

Para encerrar, é nessa perspectiva de abordagem *interacional* de base *sociocognitiva-multimodal*, que já vem pairando à LT há um tempo, que intentamos apresentar uma reformatação do objeto texto, emprenhada em uma natureza congruente à sua própria realização nas semioses sociais. E é dentro desse escopo, especialmente numa área tão vasta de pressupostos científicos, que fica evidente para onde vamos: a demanda requer de forma urgente a revisitação, por parte dos

¹⁸ Não estamos aqui desmerecendo qualquer tipo de investigação dentro da LT que apresente trabalhos nessa linha de aplicabilidade (até porque nós mesmos o fazemos), pois, como frisado, os problemas podem aparecer a depender de “como” a teoria é utilizada e de “como” o dado é analisado. O fato é que, com pouca – ou nenhuma – teoria acerca de determinadas categorias dos eventos, os pesquisadores vão beber da fonte que existir, mesmo que não seja originada à perspectiva que se deseja – não custa mais uma vez lembrar que é nosso escopo procurar mudar esse cenário.



estudiosos, exatamente dessas categorias que classicamente já são tão bem conhecidas por nós, com o fito de redefini-las teoricamente a mudanças de perspectivas metodológicas a fim de uma aplicabilidade acadêmica cientificamente plausível e viável a análises e estudos dos múltiplos eventos textuais, nas mais variadas ocorrências e nos infinitos recursos semióticos que podem carregar, e, não mais apenas, no verbal.

7. Referências

- ANTOS, G.; TIETZ, H. (org). **Die Zukunft der Textlinguistik. Traditionen, Transformationen**, Trens. Tübingen, Niemeyer.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BARBISAN, Leci. **O Conceito de Enunciação em Benveniste e Ducrot**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras, UFSM, n. 33, 2006.
- BEAUGRANDE, Robert de. **New foundations for a science of text and discourse: cognition, communication, and the freedom of access to knowledge and society**. New Jersey: Ablex Publishing Corporation, 1997.
- BENTES, A. C., RAMOS, P.; ALVES FILHO, F. “Enfrentando desafios no campo de estudos do texto”. In: BENTES, A. C.; LEITE, M. Q. (org.). **Linguística de texto e análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 389-428.
- BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral II**. Tradução de Eduardo Guimarães [et al]. Campinas/SP: Pontes, 1989.
- BEZERRA, Benedito Gomes. **Gêneros no contexto brasileiro: questões [meta]teóricas e conceituais**. São Paulo: Parábola, 2017.
- BLÜHDORN, H.; ANDRADE, M. L. C. V. O. “Tendências recentes da linguística textual na Alemanha e no Brasil”. In: WIESER, H. P.; KOCH, I. G. V. (Org.). **Linguística textual: perspectivas alemãs**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009, p. 17-46.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. 11.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- CAPISTRANO JÚNIOR, R.; ELIAS, V. M. “A Linguística Textual e os estudos linguísticos”. In: LINS, M. P. P.; CAPISTRANO JÚNIOR, R.; MARLOW, R. M. (Orgs.). **O lugar na linguística: percursos de uma (r)evolução**. Vitória/ES: Editora do PPGE/UFES, 2019. p. 97-120. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/343112616>. Acesso em: 21 de junho de 2024.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães et al. “O Texto e suas propriedades definidoras: definindo perspectivas para análises”. **Revista (Com)Textos Linguísticos**, v. 13, n. 25, 2019.
- _____. et al. “Desafios da Linguística Textual no Brasil”. **Intersecções**. 18 ed., ano 9, n. 1, 2016.



CUSTODIO FILHO, Valdinar. **Múltiplos fatores, distintas interações: esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação.** Tese de Doutorado – UFC, Fortaleza, 2011.

DELESALLE, Simone; CHEVALIER, Jean Claude. **La linguistique, la grammaire et l'école (1750-1914).** Paris: Armand Colin, 1986.

DIKSON, Dennys. **Os quadrinhos em sala de aula: a gênese da referenciação-tópica no processo de escritura no ambiente escolar.** Recife: EDUFRPE, 2018a.

_____. “A retextualização escrita-escrita”. **Revista Brasileira em Linguística Aplicada (online)**. v. 18, n. 3, p. 503-509, 2018b.

_____. **Da escrita para a escrita: aspectos e processos em retextualização.** Recife: EDUFRPE, 2019.

DIONISIO, Angela Paiva; VASCONCELOS, Leila Janot de. **Multimodalidade, gênero textual e leitura.** In: BUNZEN, Clecio; MENDONÇA, Márcia (org.). **Múltiplas linguagens para o Ensino Médio.** São Paulo: Parábola, 2013. p. 19-42.

ELIAS, Vanda Maria. “Estudos do texto, multimodalidade e argumentação: perspectivas”. **ReVEL**, edição especial vol. 14, n. 12, 2016.

FÁVERO, Leonor Lopes. “Linguística Textual – História, Delimitações e Perspectivas”. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, n. 13, v. 25, 2019.

_____. **Coesão e coerência textuais.** 7. ed. São Paulo, SP: Ática, 1999.

_____. et al. “Topicalidade em comentários on-line do Instagram”. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 15, n. 31, p. 146-169, 2021.

_____.; KOCH, Ingedore Vilaça. **Linguística Textual: Introdução.** 3 ed., São Paulo: Cortez, 1994.

FONTANILLE, Jacques 2008. “Práticas semióticas: imanência e pertinência, eficiência e otimização”. In: Diniz, Maria Lúcia Vissotto Paiva; Portela, Jean Cristtus (org.) **Semiótica e mídia — textos, práticas, estratégias.** São Paulo: Unesp/Faac, p. 15-74.

GOMES, Luiz Fernando. **Hipertextos Multimodais.** Jundiaí: Paco Editorial, 2010.

HALLIDAY, M. A. K. **Language as Social Semiotic.** London: Edward Arnold, 1978.

HODGE, R.; KRESS, G. **Social Semiotics.** London: Polity Press, 1988.

HOFFMANN, G. F. **Retextualização multimodal: o fazer tradutório do designer educacional.** Dissertação de Mestrado. PGET/UFSC, 2015.

JEWITT, C. **Multimodal methods for researching digital technologies.** In: PRICE, S.; JEWITT, C.; BROWN, B. **The SAGE Handbook of Digital Technology.** Londres: Sage, 2012. p. 250-265. Disponível em: <<http://eprints.ncrm.ac.uk/2886>>. Acesso em: 4 mar. 2014.

_____. **The Routledge Handbook of Análise Multimodal.** London: Routledge, 2009.

_____.; KRESS, G. R. (ed.). **Multimodal Literacie.** New York: Peter Lang, 2003. p. 211-239.

KRESS, G. **Multimodality: A Social Semiotic Approach to Contemporary Communication.** New York: Routledge, 2010.

_____. What is Mode? In: CAREY, J. (ed.) **The Routledge Handbook of Multimodal Analysis.** New York: Routledge, 2009. p. 54-67.



_____; van LEEUWEN, T. **Multimodal Discourse. The modes and media of contemporary communication.** London: Arnold, 2001.

_____. et al. "Semiótica Discursiva". In: VAN DIJK, T. A. **El discurso como estructura y proceso.** Barcelona: Gedisa Editorial, 2001.

KOCH, Ingedore G. Villaça; ELIAS. "O texto na linguística textual". In.: BATISTA, Ronado de Oliveira (org.). **O texto e seus contextos.** São Paulo: Parábola, 2016.

_____. **Ler e compreender os sentidos dos textos** 3.ed. São Paulo: Contexto, 2010.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Desvendando os segredos do texto.** 2.ed., São Paulo: Cortez, 2003.

_____. "Linguística Textual: Quo Vadis?" (Textlinguistics: Quo Vadis?). **DELTA.** n. 17: Especial, 2001, p. 11-23.

KOCH, I.G.V. _____.; TRAVAGLIA, L.C. **Texto e coerência.** São Paulo: Cortez, 1989.

_____. Introdução à linguística textual: trajetórias e grandes temas. 2 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

LEMKE, J. L. **Travels in Hypermodality.** In: Visual Communication, Londres, v. 1, n. 3, 2002, p. 299-325. Disponível em:

<http://www.researchgate.net/profile/Jay_Lemke/publication/240697247_Travels_in_hypermodality/links/02e7e5307fab6e147e000000.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2024.

LINS, M. P.; CAPISTRANO JÚNIOR, R. MARLOW, R. M. (org). **O lugar na linguística: percursos de uma (r)evolução.** Vitória: PPGEL, UFES, GM Gráfica e Editora, 2019.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. **Cognição, linguagem e práticas interacionais.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

van LEEUWEN, T. **Introducing Social Semiotics.** Londres: Routledge, 2005.

WHITE, Hyden. **Meta-História: a imaginação histórica do século XIX.** Tradução de José Laurênio Melo. São Paulo: EDUSP, 1995.